



DO CUIDADO DE SI ÀS FORMAS DE RESISTIR EM FOUCAULT: UM RETORNO AO MUNDO GREGO

FROM THE CARE OF THE SELF TO THE FORMS OF RESISTANCE IN FOUCAULT: A RETURN TO THE GREEK WORLD

Tarciano Silva Batista

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

tarciano@hotmail.com

Regina Paula Silva da Silveira

Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Professora de História (Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba)

re_silveira13@hotmail.com

Resumo: Neste trabalho, temos como objetivo compreender o conceito de Cuidado de Si a partir da análise da obra *A Hermenêutica do Sujeito* (1984) de Michel Foucault (1926-1984). Buscaremos entender a perspectiva do autor ao realizar um retorno ao mundo grego, sobretudo ao pensamento socrático-platônico e seus desdobramentos nos helênicos até seu encerramento na cultura cristã e na modernidade. De maneira que, a partir de uma revisão bibliográfica e análise discursiva, seja possível considerar a ética como um tipo de agenciamento que o sujeito faz com o seu próprio viver, num jogo de apropriação do Cuidado de Si. Para tanto, é preciso conceituar a ética como aquela que habita o lugar no qual o sujeito torna-se capaz de conduzir a si mesmo, até mesmo quando isso lhe é negado, trazendo, assim, a necessidade de resistir. Trata-se de conceituar um modo de viver numa relação de si para consigo, ao mesmo tempo que para o outro e para o mundo, no entrecruzamento de saberes e poderes que tornam possíveis o sujeito existir e conduzir sua própria trajetória.

Palavras-chave: Ética. Cuidado de Si. Resistências. Foucault. Mundo grego.

Abstract: In this paper, we aim to understand the concept of Self-Care based on the analysis of the work *The Hermeneutics of the Subject* (1984) by Michel Foucault (1926-1984). We will seek to understand the author's perspective when making a return to the Greek world, to Socratic-Platonic thought and its unfolding in the Hellenics until its closure in Christian culture and modernity. So that, based on a bibliographic review and discursive analysis, it is possible to consider ethics as a type of agency that the subject makes with his own life, in a game of appropriation of self-care. To do so, it is necessary to conceptualize ethics as that which inhabits the place in which the subject becomes able to lead himself, even when it is denied to you, so it is necessary to resist. It's about conceptualizing a way of living in a relationship of yourself to yourself, at the same time to the other and to the world, at the intersection of knowledge and power that make it possible for the subject to exist and conduct its own trajectory.

Keywords: Ethics. Self-care. Forms of Resistance. Foucault. Greek world.

<i>Rev. Helius</i>	Sobral	v. 4	n. 1	p. 53-84	jan./jun. 2021
--------------------	--------	------	------	----------	----------------

1 Introdução

Ao observar grande parte da História da Filosofia Ocidental, podemos dizer que a preocupação com a ética surge na antiguidade grega, principalmente a partir das discussões oriundas do pensamento socrático-platônico. Isso ocorre porque a sustentação de uma existência ética, de um modo de viver e de um saber universalmente válido, decorre de concepções sobre a própria essência humana. Foi a partir dessa filosofia que se tornou possível considerar o ser humano como aquele que é, essencialmente, razão e linguagem, um ser munido de corpo e alma, inserido em um contexto social, cultural e político.

Passados mais de dois milênios de reflexões em torno dessa temática, encontrar relações e levantar questionamentos no âmbito ético, tomando como base a retomada aos clássicos, parece ser uma perspectiva considerável para muitos filósofos contemporâneos. O que demonstra que não há filosofia ultrapassada, ou uma única filosofia, ou mesmo um pensamento morto; pelo contrário, os conceitos são vivos, rasgam o tempo e transpassam existências¹.

Dentre esses contemporâneos que retomam a filosofia antiga para realizar suas investigações, está o francês Michel Foucault (1926-1984). Ele aparece

1 Deleuze, em *O que é a Filosofia?* (1991), apresenta-nos um possível horizonte para esse filosofar vivo. Em primeiro lugar, a filosofia cria conceitos. Cada conceito remete a outro conceito, não somente em sua história, porque não há aqui uma única concepção da História, mas em seu devir e em suas conexões presentes, isso implica dizer que nenhum conceito surge do nada, embora ele se apresente como uma constante criação. Daí a vivacidade de suas existências. Em seguida, é próprio do conceito tornar os componentes inseparáveis nele mesmo, que se apresentam correlatamente de modos distintos, heterogêneos e, todavia, não separáveis. O que faz com que sua criação seja estimuladora e definida pela sua “inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneos percorridos por um ponto em sobrevoado absoluto, à velocidade infinita” (DELEUZE, 2010, p. 29).

nesse contexto da criação de conceitos da Filosofia Contemporânea como um dos eloquentes pensadores do século XX, seja pela amplitude e repercussão de suas ideias, seja pela sua profusa produção conceitual².

Neste trabalho, temos como objetivo nos debruçar sobre o ser-consigo do chamado último Foucault, denominado de último por conta de essa abordagem ética se achar nos seus escritos finais, nos quais encontramos o autor imbuído, em suas aulas a partir da década de 1980, de repensar a ética desde os gregos até os modernos nos termos de uma ontologia crítica do momento presente.

Nesse sentido, buscamos compreender o conceito de Cuidado de Si, tomando como mote a obra *A Hermenêutica do Sujeito* (1984), com intuito não de excluir as demais obras do autor, mas de realizar um recorte preciso para melhor compreender o trabalho do autor com o retorno ao pensamento grego, realizado através do seu método arqueo-genealógico que perpassa por uma historicidade do conceito de Cuidado de Si até sua forma contemporânea em relação ao sujeito.

Ao olharmos a obra *A Hermenêutica do Sujeito* (1984), buscaremos compreender como se desloca as relações históricas que envolvem o conceito de cui-

2 Foucault inicia suas investigações nas searas da medicina psiquiátrica e da história e, sucessivamente, entra nas discussões da epistemologia e da linguística, da política e da ética, da psicanálise e da psicologia, dos Direitos Humanos e das questões de gênero. Nesta diversidade de áreas, temas e problemas abordados por Foucault, como o sujeito, as relações de poder, surgimento do biopoder e o cuidado de si ocupam um lugar privilegiado no seu pensamento. Neste trabalho, dedicar-nos-emos ao conceito de Cuidado de Si, sabendo que são várias as formas de abordagem que perpassam o entendimento dessa perspectiva. Contudo, sem discordar da posição do autor ou dos seus comentadores, focaremos em uma trajetória conceitual, realizada pelo próprio autor e na qual acreditamos trazer uma compreensão, até certo ponto didática, do conceito de Cuidado de Si até suas formas de resistências no contemporâneo.

dado de si, visto que seu esgotamento, conforme demonstra o autor, encontra-se na modernidade e, por consequência, na negligência dos prazeres do corpo em favor de um racionalismo ético. Resta-nos, nesse sentido, não um cuidado, ou conhecimento, ou uma cultura ou um voltar-se para si, conforme veremos, mas sim formas de resistir, isto é, de criar, de fazer da nossa existência uma prática e uma atividade para além das estratégias efetuadas no campo do saber-poder.

A nosso ver, investigar o Cuidado de Si é realizar um sobrevoo, isto é, buscar o estado do conceito em sua infinitude própria, conforme aprendemos com Deleuze (1991). Pois o que buscamos são questionamentos sobre o território do existir a partir de uma perspectiva do cuidar de si, ou seja, compreender a ética como um modo de sentir a existência mais do que pensá-la ou “refletir sobre”. Entender-se como um sujeito ético, com uma atitude a qual seja possível sentir nosso modo de estar no mundo, longe dos padrões e normas de condutas pré-estabelecidas, ou impostas de forma coesiva, torna-se um ato de resistência. As resistências e as formas de resistência se apresentam como uma forma de ruptura aos saberes e poderes hegemônicos.

2 Do cuidado de si ao conhecimento de si: a ética grega

O trabalho realizado por Foucault se desenvolve a partir do seu olhar arqueo-genealógico, primeiramente sobre o sujeito do Saber (arqueologia), em se-

guida sobre o sujeito do Poder, ou ser-poder (genealogia), e por último o sujeito do Cuidado de Si, ou ser-consigo (ética). Iniciaremos buscando compreender como Foucault articula a relação entre sujeito e verdade para além dos seus primeiros escritos e das relações de saber-poder que aprisionam o sujeito³.

O livro *A Hermenêutica do Sujeito* (1984) desenvolve de forma precisa o Cuidado de Si no ocidente, bem como seus limiares até a modernidade ao passar pelo cristianismo. Desse modo, vale traçar um esboço geral e um entendimento desse cuidado consigo mesmo, que tem por um lado referência direta com o pensamento grego, principalmente o socrático-platônico, e que, por outro lado, relaciona-se na contramão do que surgirá na modernidade, denominado pelo autor de racionalismo ético, momento esse que não diz respeito somente ao pensamento de René Descartes (1596-1650), mas sim aos inúmeros filósofos e pensadores que tomaram a razão como ponto de partida e caminho necessário para o aprimoramento do sujeito, ou seja, sobre aquele que reflete o desenvolvimento de um modo de viver pautado no exercício da razão.

Para que seja possível falar de um sujeito de cuidados, Foucault faz referência ao preceito délfico “*gnôthi seautón*” (conhece-te a ti mesmo), que para ele tem uma estreita relação com o “*epiméleia heautoû*” (cuidado de si mesmo). Segundo o autor, esta fórmula do cuidado de si mesmo é a perspectiva originária

3 Com esse movimento, ressaltamos nosso recorte. Não nos interessa, pelo menos agora, pensar os primeiros escritos do autor. O que não excluí outros textos ou outros momentos importantes, mas que não nos dizem respeito nem nos interessam para a abordagem sob a perspectiva aqui adotada. Nesse sentido, vale não perder de vista o saber e o poder, por isso são sempre necessárias algumas ressalvas sobre eles, ao mesmo tempo que seja possível manter o foco sobre o modo de viver consigo, como possibilidade prática de (re)existência no mundo

da questão do sujeito, isto é, o “*epiméleia heautoû*” é o princípio da questão do conhecimento do sujeito, e esse primado estabelece uma relação precisa com o conhece-te a ti mesmo desenvolvido por Sócrates, uma vez que “Sócrates é o homem do conhecimento de si” (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Contudo, não foi Sócrates o primeiro que se pronunciou sobre o ocupar-se consigo mesmo, mas a forma como ele conduziu a sua vida introduziu no pensamento filosófico ocidental essa característica. Anterior a Sócrates, esse dizer era utilizado como um dos três preceitos délficos: o primeiro era o *medèn ágon* (nada em demasia), que afirmava que o ser humano não poderia viver de excessos, que tudo tinha sua medida certa e que, quando o homem fosse se consultar com o oráculo, não devia pronunciar mais do que as questões úteis a sua existência; o segundo preceito era o *engyé* (as cauções), que dizia respeito ao fato do indivíduo não prometer aos deuses nem a sua própria vida, nem mais do que ele pode cumprir, de modo a pedir e realizar somente aquilo que lhe cabe, assim o indivíduo deve prometer somente aquilo que pode cumprir; por fim, o terceiro preceito, que é o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo), o qual afirmava o seguinte: quando o ser humano tiver de consultar o oráculo, que antes procure cuidar de ver em si mesmo o que tem precisão de saber. Esse último será tomado fortemente ao longo da cultura grega, principalmente com a figura de Sócrates, que o desenvolverá com estreita relação com o “*epiméleia heautoû*” – cuidado de si mesmo (FOUCAULT, 2010, p. 5-6).

Essa relação (do cuidado de si mesmo e do conhece-te a ti mesmo) se dá, em ambos os casos, na existência das preocupações do indivíduo sobre si mes-

mo e em relação a sua forma de se conduzir no mundo, isto é, Foucault coloca que nos dois casos será preciso certa ocupação do sujeito consigo mesmo, de modo que passamos a ter um conhecimento sobre nós mesmos e que nunca deixemos de esquecer quem de fato somos, como fez Sócrates frente ao seu julgamento negando as formas que lhe eram impostas.

Quando Sócrates foi fazer sua defesa perante seus acusadores e juízes, ele disse não se sentir envergonhado por estar naquela situação, muito pelo contrário, Sócrates afirmou estar extremamente orgulhoso de poder interpelar as pessoas e lhes dizer para ocupar-se consigo mesmas, sendo essa uma ordem dada pelos deuses e a qual Sócrates obedeceu. Em seguida, Sócrates se dirigiu aos atenienses, afirmou que se realmente fosse condenado, quem perderia, seriam eles, pois não teriam mais ninguém para incitá-los a se ocuparem consigo mesmos.

Assim, o Conhecimento de Si incitado por Sócrates deixa de lado qualquer cuidado que os indivíduos poderiam ter com eles próprios, uma vez que nos preceitos deíficos as pessoas antes de receberem qualquer instrução tinham que primeiro cuidar si, mas com Sócrates temos que era preciso uma outra pessoa para motivar ou excitar tal movimento. Assim, o conhece-te a ti mesmo a partir de Sócrates se ampliou para além de um puro cuidado consigo para um "*gnôthi seautón*" (conhecimento de si). De modo que se transformou numa referência para uma conduta moral, principalmente por causa do "*gnôthi*" (do conhecimento).

O que se encontrava nos oráculos de Delfos eram respostas e profecias obtidas e consideradas verdades absolutas, de maneira que os indivíduos antes de se consultarem deveriam ter o cuidado consigo para assim receber as verdades dos oráculos; com Sócrates, esse cenário muda, e torna-se necessário buscar em si as verdades através da sua ascese pessoal e intelectual. Assim, com o passar do tempo, as pessoas passaram a procurar em si mesmas as respostas para as explicações do mundo. De alguma maneira, as reflexões gregas começaram a experimentar a busca pelo conhecimento verdadeiro fora das suas realidades, não mais a partir da *physys*, isto é, da sua experiência com a natureza.

Ressaltamos que Foucault não atribui nenhum juízo de valor em suas colocações, no sentido de afirmar que seja de Platão ou Sócrates a culpa de o olhar voltar a si mesmo através do conhecer. Sua intenção é mostrar como ocorreu essa transformação no mundo grego. Se anteriormente a Sócrates as pessoas conduziam suas vidas como uma simples arte de viver, ocupavam-se com as coisas do mundo e, precisando de opiniões e verdades sobre as coisas que não conheciam, procuravam os mestres, os oráculos, para que eles lhe ajudassem, com o pensamento socrático-platônico, as pessoas passaram a buscar o conhecimento consigo mesmas, de modo a ocupar-se de si, no sentido de não procurarem mais no mundo as respostas para suas questões, mas na busca de conhecer suas almas.

Segundo Foucault, o pensamento socrático-platônico se torna o símbolo e a perspectiva originária de um princípio que não é estático, nem preso a um momento histórico ao qual Sócrates se encontrava; pelo contrário, Sócrates sim-

boliza o primado de um movimento no qual não cessou de caracterizar a cultura grega e, posteriormente, helenística e romana⁴. Isso porque, com o “ocupar-se a si mesmo” ou o “conhece-te a ti mesmo”, Sócrates inaugura um momento que evidencia o conhecimento próprio, de si, e este se estende por vários momentos ao longo da história da humanidade, ou, pelo menos, a quase toda forma de conduta humana que tem como pretensão o princípio da racionalidade moral.

Observamos com isso que a expansão do ocupar-se consigo cria uma relação nomeada de o governo de si mesmo. Em suma, o sujeito passa a ocupar-se consigo mesmo na medida em que passa a ocupar-se com os outros, e também podemos denominar esse movimento de Governo de Si e Governo dos Outros quando o sujeito passa a construir uma atitude frente aos demais indivíduos, isto é, uma preocupação com a *polis*: “[...] ocupar-se consigo para poder governar, e ocupar-se consigo na medida em que não foi suficiente e convenientemente governado” (FOUCAULT, 2010, p. 42).

Todavia, segundo Foucault, a questão primordial a ser colocada ao olharmos para os escritos platônicos é: quem é esse **consigo** que deve governar?

4 Isso porque grande parte do pensamento anterior ao de Platão é penetrado pela convicção básica de que, para explicar e compreender as coisas, é preciso unificar. Segundo Geovanni Reali, o todo inteiro, apoiado na pergunta “o que é?”, implica a dedução sistemática daquilo que é objeto de discussão a uma unidade. A pluralidade das coisas sensíveis se explica exatamente por meio da redução sinótica à unidade da ideia correspondente (REALI, 1994, p. 82 – 83). Desse modo, é importante o entendimento de que a multiplicidade sensível nesse período, conforme expõe Reali, só resolve-se e simplifica-se nas ideias inteligíveis; mas a multiplicidade inteligível não se resolve por si mesma no mundo sensível (REALI, 1994, p. 84-85). Por isso, essa afirmação de Foucault sobre o conhecimento de si é de grande importância para o entendimento da discussão levada a cabo na presente exposição. Pois tal debate causa uma ruptura com as possíveis formas de existência do sensível (enquanto realidade imediata) que eram pensadas anteriormente a Sócrates, dado que, para Platão, a ideia é a causa verdadeira do sensível.

Quem é esse **si mesmo** do qual deve ocupar-se? Em outras palavras, a pergunta que permeia a discussão de Foucault é sobre quem é esse sujeito que é capaz, através do *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo) e do *gnôthi heautón* (conhece-te a ti mesmo), de governar a si mesmo e aos outros? Ou seja, o que é o *heautón* (si mesmo), esse sujeito do cuidado e objeto do cuidado? O que ele é? (FOUCAULT, 2010, p. 49).

O intuito é chegar ao encontro do que seria uma primeira definição de indivíduo dada por Platão através de Sócrates e que caracteriza a cultura filosófica do mundo grego. Segundo Foucault, ocupar-se consigo mesmo é ocupar com a sua alma. Não há distinção entre corpo e alma, no sentido de material orgânico, nosso corpo deve ser entendido como alma; se for possível uma separação dessas, não podemos perder de vista que o corpo nesse contexto estará submetido à alma.

O ponto fulcral da argumentação foucaultiana é como foi possível o conhecimento da alma atingir tamanha proporção, ao nível de afetar o modo como agimos e nos comportamos? Com essa questão, o que está em jogo é o movimento de uma linguagem surgida da prática do conhecimento de si desenvolvida pelo sujeito, isto é, o meio como o indivíduo torna-se capaz de realizar questionamentos sobre si mesmo, pelo fato de dispor de linguagem, bem como ser um sujeito de relações, proporcionado pelo modo de viver e pela busca de uma ascese individual. O sujeito, ao conhecer sua alma, ou seja, a si mesmo, pode denominar os seus sentidos, corrigir as más tendências e viver um processo de libertação e desenvolvimento pleno dessa alma (FOUCAULT, 2010).

O significante para Foucault é a questão do sujeito que fala, que discursa e que debate, isto é, o olhar sobre o dizer-a-verdade (*parrhesia*). Nesse sentido, e considerando que estamos falando do mundo grego, não é o corpo que vai se servir da linguagem, mas sim a alma. Para os gregos, e seguindo a análise de Foucault, só pode existir o corpo, ou qualquer outro instrumento que se sirva dele, porque existe uma alma que é capaz de articular todas as funções corpóreas e os meios necessários para manipular o corpo, bem como só pode existir uma alma se existir um corpo que a hospede e a mantenha em constante movimento.

É possível observar que “[...] o sujeito de todas essas ações corporais, instrumentais e da linguagem é a alma: a alma enquanto se serve da linguagem, dos instrumentos e do corpo” (FOUCAULT, 2010, p. 52). Do mesmo modo, a definição de alma se dá como aquela que se serve do corpo, dos instrumentos linguísticos que dispõe esse corpo e de todo o mais que ele é capaz de produzir. Compreendemos que ocupar-se consigo mesmo é um exercício da alma ao servir-se do corpo e dos demais instrumentos de manipulação deste, como a linguagem. Então, de fato, nos resta uma pergunta: como podemos melhor compreender esse elemento, denominado de alma? Em outras palavras, como é possível a essa alma conhecer a si mesma, ocupando-se e servindo-se da linguagem? Como essa alma é capaz de criar e manipular a linguagem?

A hipótese do autor sobre essas perguntas é a de que a História Ocidental não tomou como base o dizer verdadeiro, mas, o contrário, renunciou a qualquer fala que dissesse respeito à existência de um ser divino. No entanto, só é

possível a alma ocupar-se consigo mesma, voltar-se a si mesma, conhecer o seu próprio eu, na medida em que existe um ser soberano a ela e que detém um alto grau de perfeição, para que seja capaz de conceber tal feito e tal conhecimento. Só é possível conhecer a si mesmo e cuidar de si no momento em que reconheço que existe algo que possa conceber essa atividade em minha alma, como um ser divino. A partir do momento em que o indivíduo consegue realizar essa manobra, isto é, a de encontrar em si mesmo uma alma superior a todas as outras, é que ele se torna capaz de governar os outros, pois ele já governou a si mesmo.

3 Do conhecimento de si a cultura de si: a ética helênica

Até aqui tentamos mostrar, de forma muito ampla, algumas das principais características dessa ética do conhecimento de si no período denominado por Foucault de Grécia arcaica. Agora elegeremos algumas das características do período helênico que se encontra no começo de nossa era, entre os séculos I e II, e depois passaremos ao surgimento do cristianismo. Escolhemos esses movimentos, mesmo que com seus saltos, para mostrar o desenvolvimento do cuidado de si no ocidente.

Foucault demonstra a existência de uma ruptura entre esses dois períodos da Grécia, no qual ele destaca a figura de Platão e o período helênico, com as figuras de Sêneca, Cícero e Epicuro. O cuidado de si mesmo estava ligado puramente ao exercício de si, depois ao desenvolvimento do conhecimento de

si, como conhecimento da alma de modo a colocá-la como superior ao seu corpo para assim poder governar a si e aos outros; mas, agora, o que vamos observar é o fim do período grego e o surgimento de uma ética baseada na procura da paz interior e no autocontrole individual, fora dos controles da vida política.

Dessa maneira, os princípios éticos são a apatia (*apatheia*), que pode ser compreendida como uma atitude para o entendimento das coisas que acontecem no mundo, e o amor ao destino (*amor fati*), segundo o qual tudo que realizamos na nossa existência possa a fazer parte de um plano superior guiado por uma razão universal, a qual tudo abrange. Desse modo, teríamos o ocupar-se com o intuito de atingir a ataraxia, ou a imperturbabilidade da alma.

De todo modo, é preciso “reivindicar-se a si mesmo”, afirma Foucault ao mencionar a carta de Sêneca a Lucílio. Isto é, “[...] quer dizer, é preciso colocar a reivindicação jurídica, fazer valer seus direitos, os direitos que se tem sobre si mesmo, sobre o eu que se acha atualmente carregado de dívidas e obrigações das quais deve livrar-se [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 78). Posto isso, observamos que o conhecimento de si vai seguir um novo direcionamento voltado para uma reivindicação dos indivíduos frente a seus direitos, um cultivar-se ou mesmo um honrar-se que transborda o simples conhecimento de si enquanto alma, de modo a questionar uma postura que concerne a uma prática efetiva de si.

Uma das primeiras características desse novo período é conceber o cuidado de si (agora visto como um “reivindicar-se a si mesmo”) como algo coextensivo à vida dos indivíduos. Diferentemente do mundo grego clássico – onde era preciso certa maturidade para que os homens pudessem ocupar-se consigo

mesmos, sendo este o conhecimento da alma –, no início do medievo é preciso sempre ocupar-se consigo ao buscar recuperar algo que outrora fora desligado do seu corpo físico, algo que se torna um trabalho para toda a sua existência, desde os primeiros momentos da vida até a sua maturidade, quando se torna possível compreender a sua existência.

No mundo grego, era preciso que os jovens deixassem os pedagogos de lado e ingressassem na vida pública e política para, depois de certa maturidade, poderem chegar a se ocupar de si mesmos. Nesse novo período, não há uma etapa específica do viver para a qual seja possível conhecer a sua alma, será preciso buscar o conhecimento de si durante toda sua existência, por isso é preciso voltar-se para si durante toda sua vida.

Segundo Foucault, a atividade de si deve percorrer toda sua existência. Para tanto, o autor traz a afirmação de Epicuro que diz que é preciso filosofar a todo o tempo, isto é, deve-se ocupar incessantemente consigo em todos os períodos da sua vida, isto é, deve-se atentar de si desde jovem e não se deve abandonar o cuidado de si quando se é velho.

Pois bem, se só fosse possível filosofar, cuidar-se, ocupar-se, governar-se, consigo mesmo outrora em certo período de nossas vidas, agora devemos entrelaçar toda existência do indivíduo ao cuidado, mesmo que essa teia traga novas consequências, como afirma Foucault (2010, p. 78):

Essa recentralização ou essa descentralização do cuidado de si, do período da adolescência ao da maturidade ou final da maturidade, acarretara algumas consequências, a meu ver, importantes. Primeiro, a partir do momento em que o cuidado de si torna-se assim uma ativi-

dade adulta, sua função crítica vai evidentemente acentuar-se, e acentuar-se cada vez mais. A prática de si terá um papel corretivo tanto, ao menos, quanto formador. Ou ainda, a prática de si tornar-se-á cada vez mais uma atividade crítica em relação a si mesmo, ao seu mundo cultural, à vida dos outros.

Com essas exposições, observarmos que se o indivíduo que passa toda uma vida ocupando-se consigo mesmo desenvolverá importantes resultados em sua existência. Um deles é o fato de que os indivíduos serão indivíduos mais críticos, tanto de si como dos outros, por desempenharem o papel de castradores (ao limitarem suas zonas de interesse no que diz respeito ao conhecimento de si, pois eles serão mais seletos e autorreferenciáveis), assim como o de formadores, uma vez que passam a acreditar que têm mais conhecimentos e a querer instruir outros indivíduos a ver o mundo da mesma forma deles.

Ambas as afirmações fazem com que o cuidado de si se torne cada vez mais uma atividade crítica do indivíduo em relação aos outros e em relação a si mesmo no mundo helênico. Para constatar isso, basta observar os exemplos dos imperadores mencionados por Foucault ao longo dessa obra, os quais, quanto mais desempenhavam seu poder, mais limitavam e submetiam indivíduos a eles, como também instruíam novos indivíduos aos seus modos a fim de se perpetuar no poder, de tal forma que as atividades do sujeito se distanciaram de forma significativa daquelas atividades da alma presentes na Paideia grega.

Foucault afirma que a filosofia, em sua relação com o cuidado de si, desempenha, nesse período, um papel medicinal. Tal afirmação diz respeito à colocação dos epicuristas quando definem "*pathos*", pois, para eles, esse termo era entendido ao mesmo tempo como paixão e doença, tanto a evolução de uma

paixão como a evolução de uma doença. Epicuro, por exemplo, procurava conscientizar as pessoas de que comprar e possuir bens materiais não as tornariam mais felizes, como elas acreditavam, mas faziam o contrário, acabavam por afastar o conhecimento de si e de uma prática de si. Essas práticas só faziam com que as pessoas ficassem mais tristes, pois nunca se saciariam com as coisas que comprariam e se afastariam cada vez mais de uma forma de existência que valorizasse o seu ser pessoal em favor das coisas do mundo exterior a elas.

Então, a meta de dirigir uma prática de si durante toda sua vida era a de, no futuro, poder desfrutar de uma vida digna e feliz. Vale salientar que, embora a prática de si seja dirigida a todos, apenas alguns seriam privilegiados. Isso porque, por exemplo, na escola⁵ de Epicteto, que também se encontra no período helênico, nem todos eram chamados para serem alunos, mas apenas aqueles que detinham alguns privilégios sociais e políticos na sociedade podiam desfrutar do ócio.

A relação do eu com o outro se dava numa questão de mestria, no sentido de que, se eu detenho mais saberes sobre mim mesmo, eu posso facilitar que você também possa desenvolver um voltar-se a si mesmo, observando o exemplo que sou em relação a você. Isto é, essa ajuda do indivíduo aos outros faz referência a um fazer com que o jovem saia de sua ignorância, de um estado que

5 Não somente essa, mas a escola, no sentido amplo da palavra, pautava-se na retirada dos cidadãos da ociosidade. Algo que difere da ideia que temos hoje, uma vez que a maioria dos considerados cidadãos se encontravam em um estado de não saber determinados conhecimentos sobre a vida e sobre si, mas tinham como objetivo alcançar um estado no qual o indivíduo pudesse dedicar sua existência a uma prática constante de si mesmo, diferentemente do que se observa em nosso mundo contemporâneo, com a busca por satisfação através de bens e conquistas materiais, através de uma existência dedicada ao trabalho.

ignora o próprio saber. Pois somente tendo a consciência e não apenas a memorização do conhecimento é que o homem vem a ser capaz de observar que o saber é o resultado do próprio saber e não do estado de ignorância ao qual estava sucumbido por não ter condição de ignorar a própria ignorância.

Nesse sentido, “[...] o mestre é um operador na reforma do indivíduo e na formação do indivíduo como sujeito. É mediador na relação do indivíduo com sua constituição de sujeito” (FOUCAULT, 2010, p. 117). Com isso, cabe-nos a pergunta: quem é esse mestre? Esse é o filósofo. Para Foucault, o filósofo é o ser que tem como papel principal, na constituição do sujeito, do eu em relação ao outro, o corrigir, o conduzir e o transportar a passagem da ignorância ao saber.

Contudo, o indivíduo deve tender para um *status* de um sujeito que ele jamais conheceu em sua existência. Para entendimento do pensamento de Foucault sobre a constituição do sujeito, cabem-nos outros questionamentos: a que se refere esse estado patológico? Que lugar-comum é esse em que se encontra o cidadão e de que, por sua vez, deve sair por si mesmo com uma simples ajuda do seu mestre? Esse estado, denominado por Foucault de *stultitia*, numa referência aos textos de Sêneca, é um estado moribundo em que o indivíduo não tem cuidado consigo mesmo. É o estado que está à mercê das coisas exteriores e que é totalmente influenciado por elas, sem a mínima precaução.

Assim, encontramos o seguinte questionamento foucaultiano: “qual é, pois, a ação do outro que é necessária à constituição do sujeito por ele mesmo?” (FOUCAULT, 2010, p. 121). Em outras palavras: como fazer com que o sujeito

saia de *stultus* e passe para um indivíduo *sapiens*? A resposta é direta: ele não pode sair sozinho. É preciso outro indivíduo para fazer com que ele deixe seu estado de inércia, isto é, migre de uma não compreensão e preocupação de si para o desenvolvimento do cuidado de si.

Um indivíduo que já se preocupa consigo deve instruir o indivíduo ignorante. Nesse movimento, será preciso um sujeito que tenha o domínio de si para instruir outros indivíduos: somente um indivíduo que governa a si mesmo poderá instruir outros indivíduos para essa atividade prática.

Segundo autor, “[...] esse operador que se apresenta é, com certeza, o filósofo” (FOUCAULT, 2010, p. 121). Portanto, para o pensador, o filósofo se apresenta como o único capaz de governar os homens, de governar a si mesmo e de governar aqueles que detêm a capacidade de dominar a si mesmos, como também de encadear o movimento para que outros indivíduos também desenvolvam essas atividades, de modo a constituir uma prática eficaz e determinante na cultura de um povo. Somente o filósofo detém uma “ética da palavra”, de uma *parrhesia*, de uma necessidade entre seus companheiros de nada esconder um do outro e de uma *filia*, uma valorização de seus pares.

Nesse sentido, o filosofar não mais se configura como uma atividade contemplativa, ela se coloca como um *ethos*, como um modo de conduzirmos nossas vidas, tanto na relação consigo mesmo como também na relação dos outros conosco. O que é preciso entender é que esta forma de comportamento do indivíduo se dá sempre no impasse de um em relação aos outros, em um jogo de relações verbais.

Com o desenvolvimento desse novo *ethos*, o pensador expõe algumas implicações sobre essa nova forma de filosofar e de conduzir uma vida pautada numa existência de si. A pergunta é: como fazer para viver como se deve viver? É justamente nesse período helênico que é colocada a pergunta que ainda hoje encontramos dificuldades em responder: qual é o saber que possibilitará viver como devo viver, como devo viver enquanto indivíduo, enquanto cidadão e enquanto ser de relações com outros indivíduos?

Diferentemente das implicações colocadas por Platão, sobre a alma e a cidade, que se baseava no desenvolvimento do governo de si para o governo dos outros e um desenvolvimento de uma *polis*, no período helênico a questão já se pauta em quais os conhecimentos que o indivíduo deve ter para poder desenvolver essas atividades. Sendo assim, Foucault afirmará que essa implicação gerou uma nova atitude, não mais de um ocupar-se consigo mesmo, mas sim de uma cultura de si.

Porquanto, “[...] podemos dizer que na época helenística e romana houve verdadeiramente uma cultura de si” (FOUCAULT, 2010, p. 162). Esta cultura de si pode ser entendida sob quatro principais características: primeiramente, pode-se falar de uma cultura quando temos uma sociedade que dispõe de um conjunto de valores que têm entre si um mínimo de coordenação, isto é, uma sociedade que já dispõe de certo tipo de saber sob uma ótica de um governante, de um sistema de hierarquia; segundo, pode-se falar de cultura quando esses valores são comuns a todos, mas não acessíveis a todos, de modo que os que sabem mais possam instruir outros, como vimos anteriormente com o caso da

mestria; num terceiro ponto, Foucault demonstra que, mesmo não sendo acessível a todos, uma cidade deve fazer com que esses valores possam ser atingidos por todos sob certas condutas precisas e regradas; por fim, pode-se falar que o desenvolvimento da cultura ocorreu no período helênico clássico quando observamos a efetivação desses três elementos anteriores.

Em outras palavras, uma cultura de si foi desenvolvida no período helenístico, pois neste ocorreu uma organização e uma reorganização dos valores tradicionais sob certas condutas regradas, exigentes e sacrificais. Assim, o *ethos* que foi gerado, aquele no qual os indivíduos passaram toda sua existência voltada à prática de si, fez com que criassem uma cultura de si que trouxe novas implicações, mas que agora, no mundo contemporâneo, se parece mais com um egocentrismo ou mesmo um narcisismo. Por isso, é preciso pensar novas formas para esse cuidado, considerando a prática de si como uma reivindicação constante da sua forma de existência.

4 A renúncia de si e necessidade de resistir: a ética como forma de (re)existência

Consideramos o período helenístico como um momento de transição entre o esplendor da cultura grega e o desenvolvimento da cultura romana. Para Foucault, o período helênico-romano se dá entre o período grego e o surgimento do cristianismo, mas o que de fato importa é que, em ambos os momentos,

tanto no período helênico como no romano, houve verdadeiramente uma cultura de si.

Compreendemos que o filosofar foucaultiano contemporâneo deixou um legado significativo na forma como observamos o mundo e as reflexões do campo da ética. Então, essa volta ao mundo grego, depois helênico, romano, apresenta-se como uma forma de nos questionarmos: como, ou sob quais condições, podemos compreender os desdobramentos do conceito de Cuidado de Si ao lançamos um olhar para a nossa realidade contemporânea? Segundo Paul Veyne, essa última fase de Foucault é decisiva, pois o mesmo se encontra com sérios problemas de saúde e está se questionando sobre sua própria vida. Segundo comenta o autor: “Foucault vai tratar de impor uma de suas preferências, resgatada dos gregos, à qual lhe parece ser de atualidade; não o faz por pretender ter razão, nem pelo contrário, procurava ganhar e esperava ser atual. A atualidade limita as preferências possíveis” (VEYNE, 2011, p. 6).

Quando hoje nos perguntamos sobre o cuidado que temos com nós mesmos e sobre como nos tornamos o que o somos e quais são as características desse “eu” que fala, anda, se alimenta etc., esse movimento é mais uma antiga tradição filosófica ocidental que impera num dever consigo mesmo, tomado pelo cristianismo e pelo racionalismo moderno, algo divergente da ruptura que o helenismo tomou de Platão e Sócrates. Parece-nos que, em cada uma dessas e de outras expressões hoje empregadas, mergulharmos nos esforços que fazemos para reconstituir uma ética do eu. Perdemos-nos em algum momento nesse caminho traçado pelas formas do Cuidado de Si da cultura Grega.

No tempo de agora, no qual o uso da razão tem que ser operante a todo momento, deixando o sentir, o viver, o cuidado sempre de lado, não é mais possível as formas de cuidado consigo, como era em outro tempo. A modernidade e sua velocidade tornou esse movimento quase ou mesmo impossível de ser realidade. Sequer fala-se hoje em dia de cuidados com o viver.

Um dos critérios, para tanto, diz respeito ao fato do acréscimo argumentativo sobre a *metanoia* (conversão), desenvolvido com o cristianismo e que pode ser significado de duas maneiras: primeiro como uma penitência, depois como uma mudança radical do pensamento e do espírito. Sobre a renúncia de si, trazida pelo cristianismo, que é fruto dessa conversão de um sujeito que nasce com as novas conotações católicas, temos que:

O eu que se converte é um eu que renunciou a si mesmo. Renunciar a si mesmo, morrer para si, renascer em outro eu e sob uma nova forma que, de certo modo, nada tem a ver, nem no seu ser, nem no seu modo de ser, nem nos seus hábitos, nem no seu *ethos*, com aquele que o precedeu, é isso que constitui um dos elementos fundamentais da conversão cristã (FOUCAULT, 2010, p. 190).

Essa mudança radical não é somente de âmbito religioso, mas, sobretudo, filosófico. Ela opera na marginalização de qualquer concepção de formulação de uma cultura de si. Pois não há mais criação a não ser aquela feita por Deus. Desse modo, o cuidar de si torna-se uma renúncia a Deus, isto é, um deixar de lado os aspectos da sua vida social, cultural etc., para viver pelos ideais da Igreja Católica nascida em meados do século III e IV.

Para Foucault, as novas concepções trazidas com o desenvolvimento do cristianismo são drásticas, não somente por realizar uma ruptura no eu, mas por realizar uma transfiguração súbita e radical da relação de si com si mesmo e de si com os outros. Um movimento que se dirige para o eu e sobre o eu, que não consegue tirar os olhos dele e que o fixa de uma vez por todas como objetivo e finalidade. Num movimento perene, a conversão é um processo longo e contínuo que Foucault denomina de “autossubjetivação”, isto é, fixa-se um olhar no “eu” como objetivo e se estabelecem relações adequadas e plenas de si para consigo, ao mesmo tempo em que se renuncia a si (perdemo-nos, talvez sem nunca nos ter encontrado verdadeiramente).

Segundo Foucault, aprendemos com o cristianismo a nos afastar de nós mesmos, renunciando a nós. Renuncia-se a si renascendo a partir desse si para uma possível eternidade. E passamos a acreditar nesse movimento, mais do que na sua própria realização. Com a ressalva de que nesse processo de mutações não deve haver lugar para tristeza, dor, arrependimento, pesar, tudo isso se perde quando nos convertemos.

Com o desenvolvimento das ideias cristãs, nasce também o pressuposto de que o salvar-se a si mesmo só pode ocorrer por meio de um conhecimento verdadeiro que é encontrado na Palavra. O conhecimento de si, que outrora com Platão era dado no conhecimento da própria alma para se deixar o estado de ignorância, e, pelos Cínicos, como negação de tudo ao seu redor, agora só será revelado pelas compreensões das palavras sagradas, dos escritos sagrados.

A Palavra precisa ser recebida a fim de que se possa empreender a purificação do coração e a realizar o conhecimento de si.

Assim, sobre todo o exposto até aqui, os níveis das práticas de si, segundo as análises foucaultianas, dão-se em três grandes modelos: o modelo que pode ser denominado de “platônico”, que gravita em torno da ascese e do descobrimento do sujeito enquanto alma; o modelo “helenístico-romano”, que diz respeito à dedicação de toda uma vida voltada a si mesmo e que traz a salvação de si mesmo, usufruindo de tudo que lhe é exterior; e, por fim, o terceiro modelo, o “cristão”, que traz a exegese de si e da renúncia a si por meio das palavras divinas encontradas nas escrituras.

Com isso, chegamos ao fim de qualquer possibilidade de um cuidado de si com o denominado “momento cartesiano”, no qual encontramos as formas pelas quais se considera que o sujeito só pode acessar a verdade por meio exclusivamente do conhecimento. Observamos que “[...] a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele” (FOUCAULT, 2010, p. 18).

Assim, hoje observamos que o “*gnothi*”, ou a “*gnosis*”, encontra-se ligado ao pensamento moderno. É através do conhecimento que o sujeito tem acesso à verdade, isto é, o sujeito torna-se capaz de conhecer a verdade, e esse conhecer surgiu com o conhece-te a ti mesmo, que outrora se encontrava no platonismo. Em outras palavras, não vai ser o conhecimento de si, mas o acesso ao conhecimento, tanto de si, como do mundo a sua volta, pelo qual o sujeito desenvolverá um conhecimento verdadeiro sobre o seu eu, para conduzir sua existência.

O presente desenvolvimento histórico levou Foucault a afirmar que “[...] a idade moderna das relações entre sujeito e verdade começa no dia em que postulamos que o sujeito, tal como ele é, é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito” (FOUCAULT, 2010, p. 19). Assim, observamos que não temos por que acreditar que o sujeito, pela sua capacidade de conhecer, pode alcançar a verdade como recompensa pelo seu esforço e sentido da sua existência. Ou seja, o autor nos convida a questionar se podemos acreditar de fato em alguma forma de construção da verdade. Essa, que teve constantemente a missão de iluminar o sujeito desde o conhecimento de si mesmo grego, socrático-platônico, completa-se nas instâncias do que denominamos hoje de sujeito contemporâneo.

Pensar sobre padrões de verdades, bem como no acesso do sujeito a elas, é pensar que existe algo ou alguma coisa que completa o sujeito, e que, por existir tal possibilidade, fá-lo seguir uma vida dita verdadeira. Se considerarmos hoje que a verdade e o acesso a ela se encontram intrínsecos ao sujeito do conhecimento, acabamos por negligenciar todas as outras formas de verdades e de conhecimentos existentes que são inerentes ao sujeito ou podem ser criadas por ele, pois, como vimos, o sujeito se desenvolve sob o acesso a si por inúmeras formas.

Conforme constatado na última hora de sua primeira aula de 1984, não há um conhecimento sobre Si ou de Si, bem como não há um governo de si mesmo, não há salvação de Si, e, a partir do século XIX, principalmente após o pen-

samento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), não há mais um sujeito capaz de verdades.

Um importante legado foi deixado pelas relações do Cuidado de Si desde suas origens nos antigos para os nossos dias e que, muitas das vezes, não conseguimos enxergar. Uma herança que nos impele a viver com a necessidade de criar uma ligação direta com a racionalidade ética e que, de alguma maneira, impossibilita-nos de cuidarmos de nós, mesmo sabendo da existência de outros modos de existência que poderiam ser possíveis.

Nesse sentido, é importante pensarmos uma nova ética do Cuidado de Si, de modo que esse cuidado almejado sirva de base para uma reflexão em prol da vida, com seus prazeres, sonhos, desejos etc., mesmo que constantemente em aniquilamento por mecanismos que nos disciplinam e nos impulsionam ao apagar de si. Não que devamos agora buscar um movimento antirracional, mas, a nosso ver, devemos ir contra a razão moderna, eurocentrada e, por que não, colonizadora, uma vez que esse movimento implica em um não poder pensar um sujeito sem relação com a verdade, ou, pelo menos, com que é considerado como verdade, algo que, por sua vez, limita a liberdade existencial de conduzir sua própria existência.

Um outro texto, também de 1984, constitui uma reflexão sobre o sujeito de conhecimento e de ação ética, intitulado *A Ética do Cuidado de si como prática da liberdade*. Nele, vemos que é preciso liberdade para uma existência ética. Nesse sentido, a liberdade se coloca como uma condição essencial aos modos de existência humana. Nessa entrevista ministrada por Foucault no último ano de

vida, na qual é provocado a sintetizar a trajetória do seu pensamento, bem como a problematizar sua relação com as suas últimas pesquisas, observamos a sua conduta ética quando desloca seu recorte temporal habitual para o mundo greco-helênico.

Nesse sentido, como o que está em jogo nesse texto é como se conduz a conduta do outro, é preciso problematizar as liberdades negligenciadas nos jogos estratégicos e mecanismos de poder no mundo contemporânea. Nas relações de poder não se trata, para Foucault, de realizar essa condução de modo arbitrário, mas de criar diversos jogos estratégicos que incitam, seduzem, “[...] que fazem com que uns tentem determinar a conduta dos outros, ao que os outros tentam responder não deixando sua conduta ser determinada” (FOUCAULT, 2006, p. 285). São situações em que a liberdade está garantida, mesmo que as posições e os graus desta liberdade sejam desiguais.

Em um exercício que atravessou boa parte de sua vida como intelectual, Foucault produziu uma interpretação do poder que, por um lado, é algo que acontece entre as pessoas, uma relação e não uma coisa. Por outro lado, ele faz uma leitura positiva do poder; portanto, ele trata de uma relação que, ao invés de negar o outro, de reprimi-lo, de dizer-lhe um categórico “Não!”, ele incita, produz subjetividades, fabrica determinadas formas de ser sujeito.

Vejamos que, para o autor, as resistências emergem sub-reptícia ou abruptamente, que surpreendem e deformam os estados de dominação que pareciam estabilizados em sua condição pétreia, que o acontecimento tem lugar mesmo nos sistemas de dominação. Neste sentido, pensar com Foucault implica

em uma abertura para o devir, para o contingente, para a impossibilidade de estabelecer quais e em que lugares surgirão as resistências; é preciso olhar para as singularidades dos estados de dominação e acompanhar o seu curso, buscar nos documentos, mesmo que estes sejam de barbáries e de histórias forjadas pelos dispositivos de poder, formas de resistência.

Nessa perspectiva, confirmamos nosso dizer de que a prática do Cuidado de Si nunca se apresentou de uma única forma ao longo da história da cultura ocidental, visto que é sempre necessário formular novas formas de cuidado. Para Foucault, é preciso entender a prática do cuidado de si contemporânea numa origem, a da resistência⁶.

A Escrita de Si (1983) e *Uma Estética da Existência* (1984), ambos também publicados nos *Ditos e Escritos*, volume V, demonstram-nos que não se trata de buscar ou tentar dizer o indizível, mas de nos colocar a possibilidade de pensar com Foucault a constituição de si por meio da própria escrita. Isto é, a partir de uma escrita de si, nasce a possibilidade de uma vida criativa e livre, por sua vez, ética. Em outras palavras, temos que a escrita constitui um “corpo”, não de

6 Sobre esse aspecto, torna-se importante ressaltar que: “Resistir é a capacidade que a força tem de entrar em relações não calculadas pelas estratégias que vigoram no campo político. A capacidade que a vida tem de resistir a um poder que quer geri-la é inseparável da possibilidade de composição e de mudança que ela pode alcançar. Resistir é, neste aspecto, oposto a reagir. Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, nesse aspecto, sinônimo de criar. Sendo assim, a resistência é, para Foucault, uma atividade da força que subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de forças no campo do poder” (MARCIEL, 2014, p. 2). A partir desses apontamentos, é possível perceber que o movimento foucaultiano estabelece um novo estatuto para a subjetividade e para as práticas de si, visto que tais práticas condicionam a uma forma de resistências.

doutrina, mas sim de práticas de liberação, ou seja, ela constitui uma forma de resistência.

Ora, a liberdade também é histórica, ela também se encontra na consciência histórica, enquanto que, no mundo grego, “[...] ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem de seus apetites, o que implica uma certa relação de domínio, de controle, chamada de *arché* – poder, comando” (FOUCAULT, 2006, p. 270). Na sociedade atual, isso pode ser associado ao respeito dos direitos civis e às possibilidades de inclusão, sem tamanha exclusão daqueles que foram jogados para margem da sociedade e dos contextos históricos.

Assim, uma ética contemporânea tem relação com o fato de nos inserirmos nos movimentos discursivos como sujeitos dos próprios processos de subjetivação e modos de resistir às normalizações, disciplinas e mecanismos de poder dominantes, sobretudo autoritários. Pois, ao colocarmos óculos foucaultianos, compartilhamos de uma visão plural e perspectivista, de modo que possamos considerar o outro como o próprio outro, sem nomeá-lo, sem constituir o outro, sem produzir discursos de verdades sobre o outro. Nessa perspectiva, vale investir em uma ética pela qual sejamos capazes de criar a nós mesmos.

5 Considerações finais

Pode-se constituir um “corpo” – não de doutrina, nem somente de alma, mas sim de práticas de liberação, de prazeres e de resistências, mesmo considerando, obviamente, certo número de regras, de estilos, de convenções e norma-

lizações que podemos encontrar nos processos de constituição do indivíduo – capaz de cuidar de si no mundo contemporâneo?

O escrito de Foucault de maio de 1979, sobre a revolução iraniana, questiona: “É inútil Revoltar-se?” Ele se posiciona em defesa da possibilidade da revolta, mesmo que contra todo argumento lógico possível. Outro texto de 1984 constitui uma reflexão sobre o sujeito de conhecimento e de ação ética, intitulado “A Ética do Cuidado de si como prática da Liberdade”. Nesses textos, é preciso liberdade para existir ética, pois a liberdade se coloca como uma condição essencial aos modos de existência humana e nos proporciona o cuidar de si de modo a valorizar uma vida digna de ser vivida.

Ao longo desse trabalho, questionamos como o existir no pensamento grego, helênico e cristão pode ser visto como uma busca pelo conhecimento na criação de formas sobre como viver melhor no mundo. Contudo, contra essas formas ocidentais de conhecer a si mesmo, temos uma rota de fuga para tais questionamentos, na possibilidade de fazer de si um ser artístico e que resista aos modos de imposição de poder.

Assim, pensar eticamente é inventar uma existência que transpasse a moral, as opiniões, os saberes e os poderes que a produzem. As formas de resistências nos sistemas de poder exigem-se como fundamento uma força de coerção maior que o próprio sistema. Em outras palavras, observamos linhas de fuga e modos de resistir na prática cotidiana dos indivíduos, nas emoções sentidas diariamente: esses seriam os gérmenes da revolta. Pois, para Foucault, a resistência se encontra como elemento constitutivo do sujeito e da história. Não se trata,

porém, de uma crença na insurreição do indivíduo, na busca pela salvação ou pelo conhecimento verdadeiro e universal, mas de enxergar tanto a legitimidade como as estratégias que tornam a prática cotidiana um modo de constituir novas relações.

Nesse sentido, pensar com Foucault implica em uma abertura para o devir, para o contingente, para a impossibilidade de estabelecer quais e em que lugares surgirão as resistências; é preciso olhar para as singularidades dos estados de dominação e acompanhar o seu curso, visto que:

“Quando um indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, a torná-las imóveis e fixas e a impedir qualquer reversibilidade do movimento – por instrumentos que tanto podem ser econômicos quanto políticos ou militares –, estamos diante do que se pode chamar de um estado de dominação. É lógico que, em tal estado, as práticas de liberdade não existem”. (FOUCAULT, 2006, p. 266).

Mas qual a forma dessa resistência? Ora, se no estado de dominação é o outro que define a nossa conduta, transformar esse estado implica na criação de contracondutas, nas vivências de outras maneiras de gerir a própria conduta, nas quais não é mais o outro que a definiria, mas o próprio sujeito. Portanto, cuidar de si no mundo contemporâneo é algo que se faz com a própria vida, não um exercício intelectual/abstrato no qual se definiria o melhor modo de viver, mas a prática de um governo de si, dentro da cultura em que se está inserido e considerando as estratégias de dominação de nossa conduta oriundas dos outros. Trata-se, portanto, de pequenas escolhas, de habitar as brechas e becos e inventar outras maneiras de ser sujeito, isso se chama cuidar.

Referências

DELEUZE, G. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

FICHE, R. M. B. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? *Revista perspectiva*, Florianópolis, 2003, p. 371-389. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9717/8984>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no colégio de France (1981-1984)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca, Salma Annus Machail. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade e política*. Organização de Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Fonrense Universitária, 2006.

MARCIEL, A. Resistência e prática de si em Foucault. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000100002. Acesso em: 20 mai. 2021.

REALI, G. *História da Filosofia Antiga II: De Platão a Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 1994.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Data da submissão: 29 mai. 2021.

Data do aceite: 16 set. 2021.



Esta obra está licenciada sob a licença [Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).